

Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas

Conteúdo estomacal da albacora (*Thunnus albacares*), capturada em águas de Cabo Verde

MONTEIRO, Vanda



Introdução

A albacora pode consumir até 10% do peso do seu corpo por dia. Alimenta-se de peixes, crustáceos e moluscos pelágicos e epipelágicos, incluindo larvas e juvenis desses grupos, assim como larvas e juvenis de tunídeos. Pode ser classificado de “oportunista” porque se alimenta de qualquer animal que se mova e que ele possa ver, pelo que a vista tem um papel importante, e de “predador eurifágico”, que não faz distinção de tipo ou tamanho das presas. Seu habitat varia de acordo com as fases do seu desenvolvimento. Se nas pescarias de superfície a temperatura do mar influi sobre o comportamento dos tunídeos, dentro de um determinado intervalo térmico é o alimento que determina essa distribuição (Stretta y Slepoukha, 1986). Conforme o peixe envelhece vai-se aprofundando e a partir de 2,5 anos passa grande parte do seu tempo alimentando-se na zona do termoclina, por este funcionar como uma barreira física para muitos organismos planctônicos. A alimentação varia em função da hora do dia e Bane (1963) julga que a albacora se alimenta principalmente nas primeiras horas do dia (antes das 10:00) e à tardinha (depois das 16:00), embora possa comer a qualquer hora do dia (Fonteneau y Marcille, 1991). Com este trabalho pretende-se conhecer a composição da dieta da albacora na ZEE (Zona Económica Exclusiva) de Cabo Verde.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram recolhidos dados durante quatro anos e em quase todos os meses, de capturas de albacoras desembarcadas no porto da Praia, geralmente no período de manhã. As amostragens foram dirigidas a todos os tipos de embarcação e as amostras (1880), foram abertas no porto e os estômagos e as gónodas foram levados para o laboratório do INDP, onde foram analisados no mesmo dia. O conteúdo estomacal foi pesado e identificaram-se as famílias, géneros e espécies, dentro do possível e foi utilizado o “Método numérico”, que consiste em contar os organismos presentes nos estômagos e dar a cada um a sua percentagem – Dragovich, 1969. A determinação do sexo foi feita à vista desarmada.

Isco utilizado: Cavala preta (*Decapterus macarellus*), Cavala branca (*Decapterus punctatus*), Chicharro (*Selar crumenophthalmus*) e Arenque (*Sardinella maderensis*).

Foram considerados de estômago vazio as albacoras que só tinham isco com peso inferior a 100gr no conteúdo estomacal, partindo do princípio que o isco presente no estômago foi consequência da captura com isco e que portanto, estavam com o estômago vazio antes de serem capturados.

Constatou-se que:

- Apenas 22 estômagos analisados estavam completamente vazios, isto é, sem isco também (quadro1);
- 233 estômagos foram considerados vazios por conterem apenas isco no seu conteúdo estomacal, com peso inferior a 100gr, que se julga terem sido deglutidos durante a pesca (quadro1);
- O isco apareceu na maioria dos estômagos que não estavam completamente vazios (quadro1);
- As lulas, os camarões e os polvos aparecem com maior frequência relativa nos tamanhos médios e grandes e os chocos nos tamanhos pequenos (quadro 2);
- Os estômagos mais pesados continham ou só isco ou isco e osso (6 – 7,2 kg);
- O isco mais frequentemente encontrado foi a cavala, o que é natural já que é a espécie mais utilizada como isco na pesca da albacora em Cabo Verde, para além de ser a espécie de pequenos pelágicos com maior potencial de captura nas nossas águas.

Tabela: 1 – Conteúdo estomacal das albacoras

Estômago	Frequência	%
Vazio total	22	1,2
Vazio com isco	233	12,4
Cheio, com mais de uma espécie:	1625	86,4
Com cavala	855	
Com chicharro	272	
Com lulas	384	
Com camarões	140	
Com polvos	70	
Com chocos	30	
Com espécies não identificadas	250	

Tabela: 2 – Frequência relativa das presas mais importantes por intervalo de comprimento

lf	cavala	chicharro	lula	camarão	polvo	choco	total
30 a 89	63,3	19,2	11,4	2,5	1,1	2,5	100,0
90 a 149	51,1	16,8	19,3	6,8	4,4	1,6	100,0
150 a 209	37,8	9,4	36,9	12,4	3,4	0,0	100,0

No estômago vazio: Variação com o tamanho

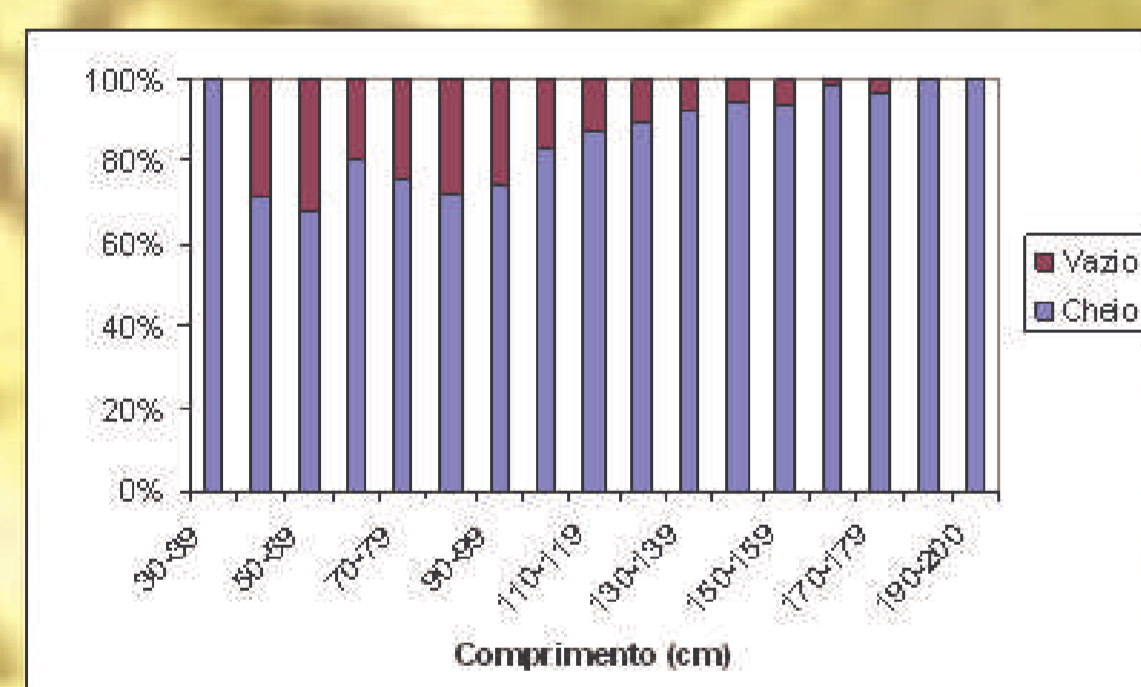


Fig. 1: Frequência relativa dos Comprimentos dos estômagos vazios e cheios

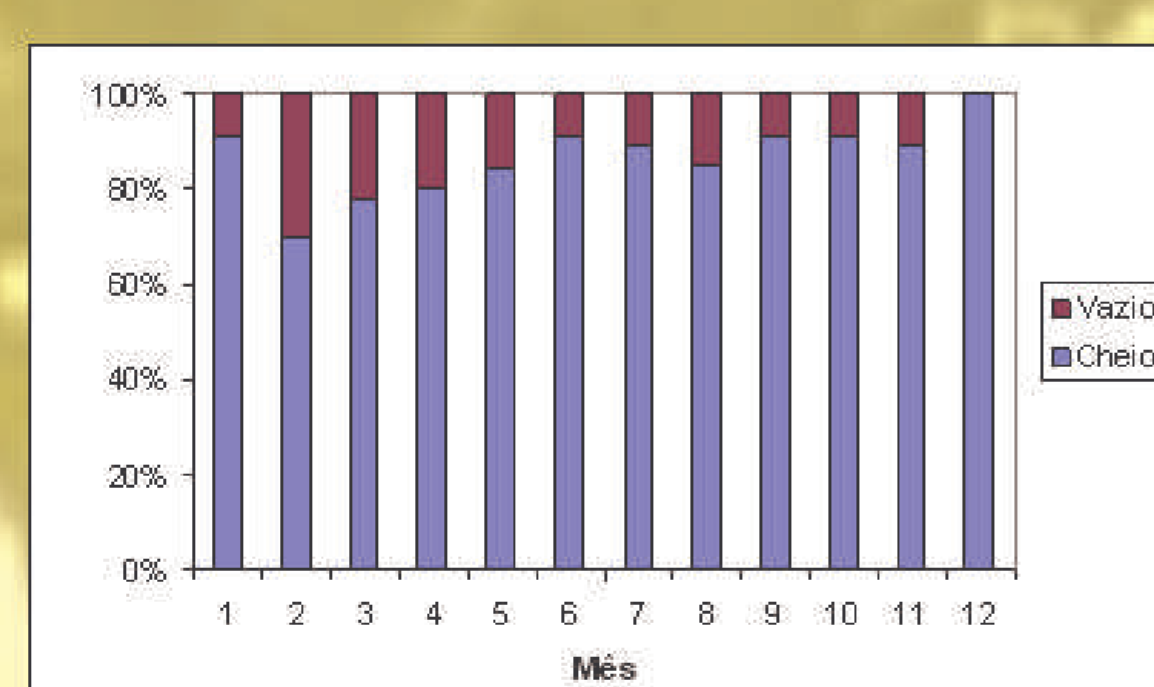


Fig. 2: Frequência relativa de estômagos cheios e vazios por classe de comprimento

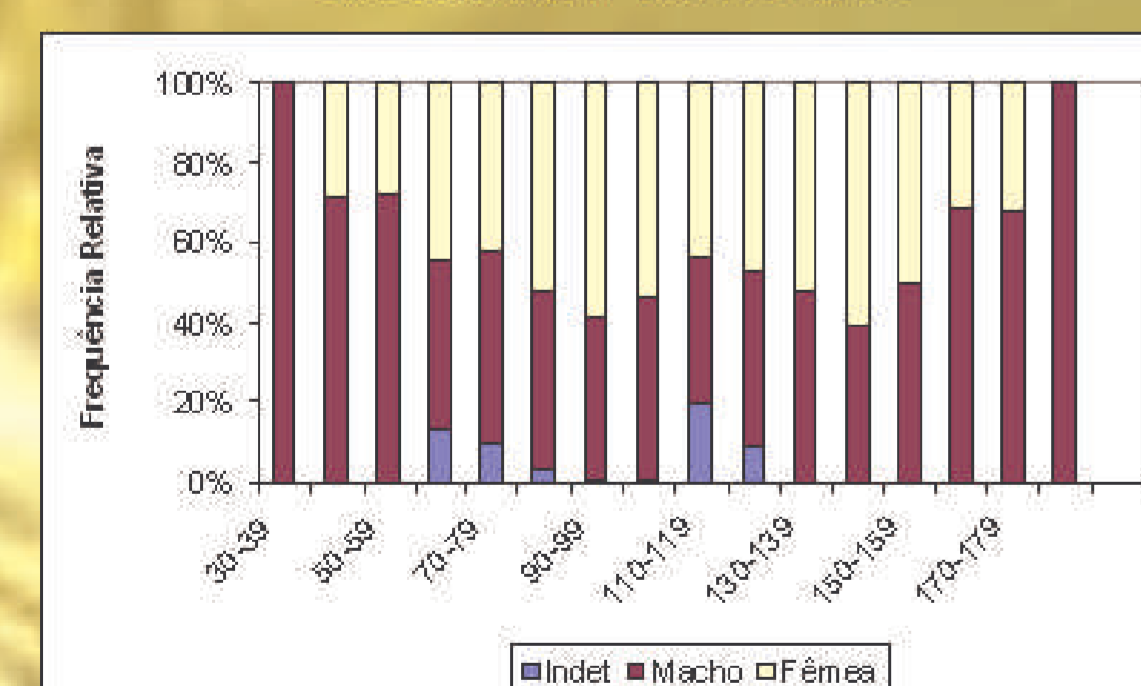


Fig. 3: Frequência de machos e fêmeas por intervalo de tamanho



Fig. 4: Frequências de machos e fêmeas por mês e por ano

No estômago cheio: Variação com o tamanho

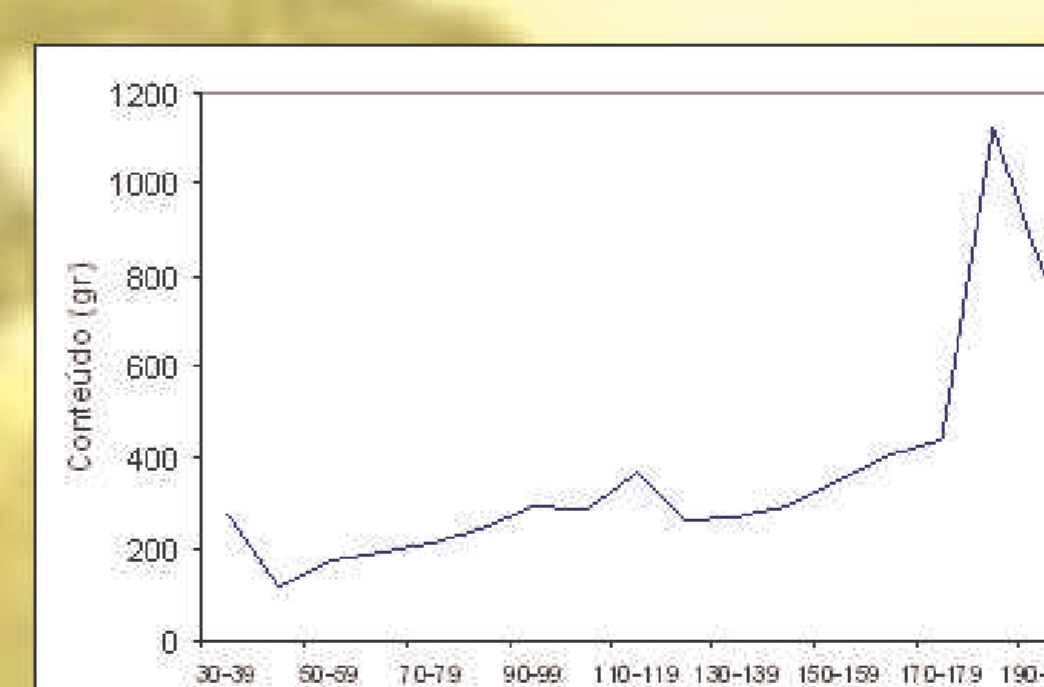


Fig. 5: Variação do conteúdo em relação ao tamanho

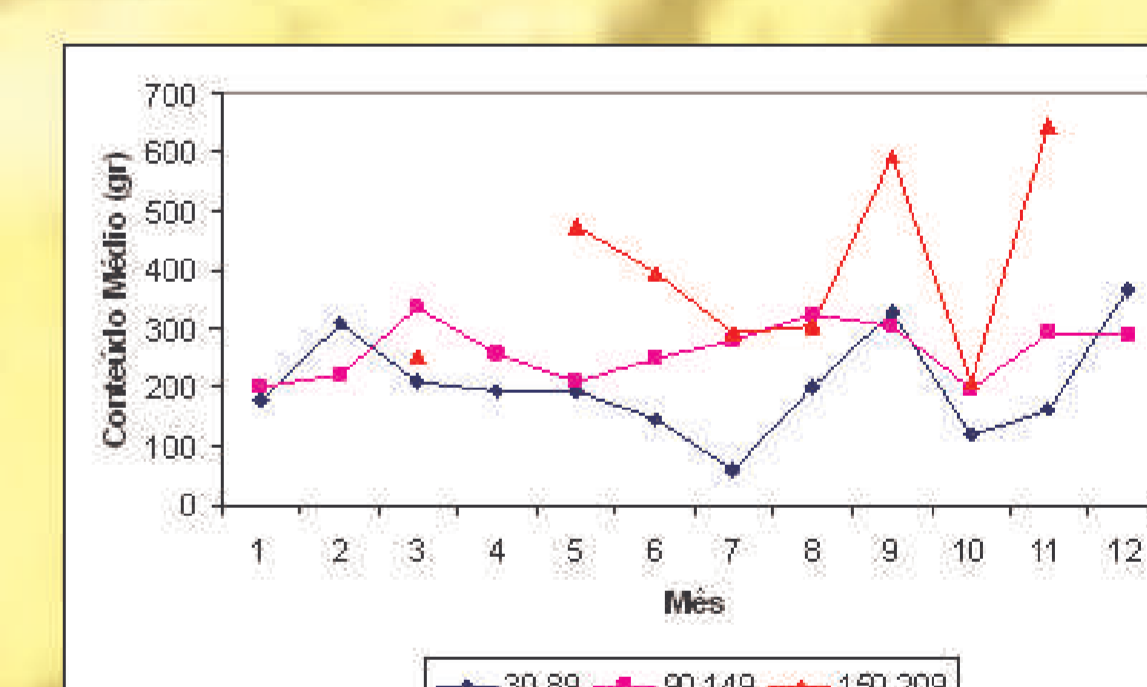


Fig. 6: Variação do tamanho das albacoras com estômago cheio

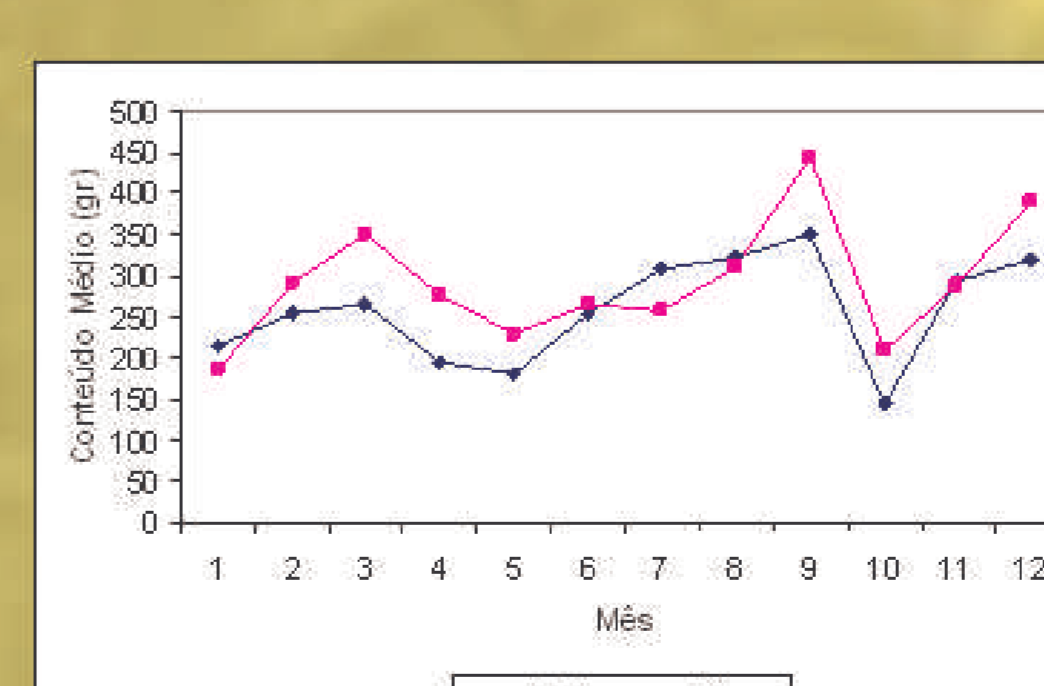


Fig. 7: Variação do conteúdo estomacal por mês e sexo

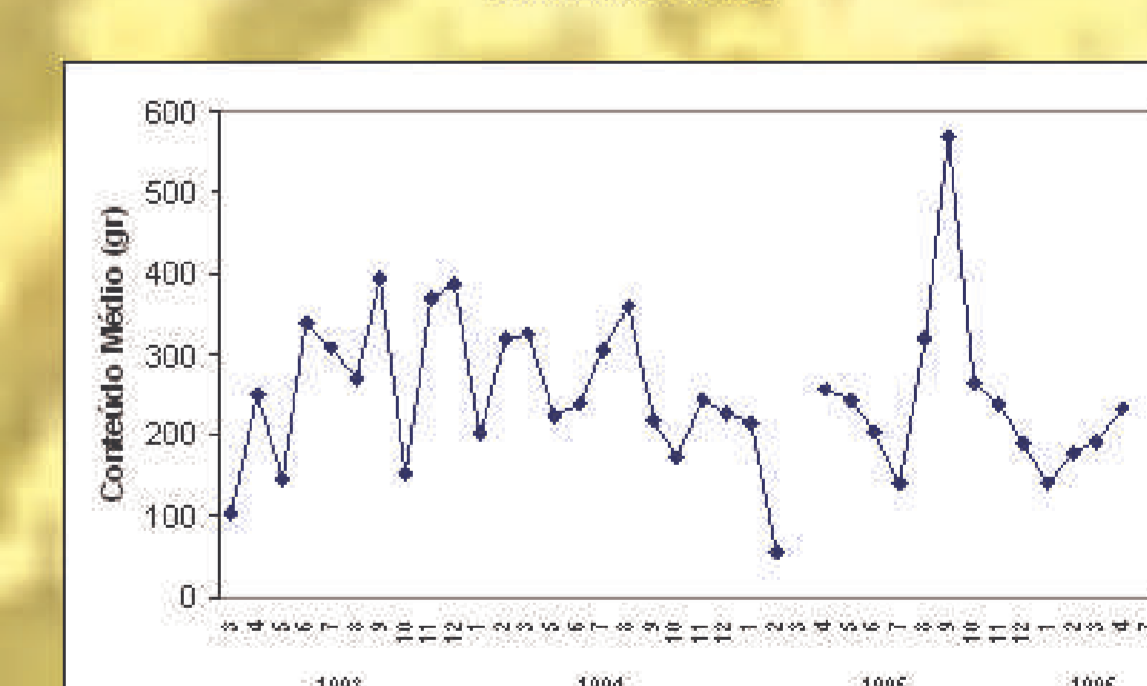


Fig. 8 – Variação do conteúdo médio de 1993 a 1998

CONCLUSÕES:

O estudo é limitado principalmente em relação à análise quantitativa dos conteúdos estomacais. O alimento da albacora é muito variado, são predadores activos que caçam a olho nas primeiras horas da manhã e nas últimas da tarde, com grande frequência de espécies de pequenos pelágicos, cavala e chicharro, para além de lulas, camarões, polvos, chocos e diversas outras espécies (demersais, pequenos tunídeos, etc.). A predação sobre os pequenos pelágicos é habitual nesta zona já que aparecem em quase todos os conteúdos estomacais examinados, durante todos os meses do ano e durante quatro anos. A partir de 150cm o nº de fêmeas diminui em relação ao macho o que poderá ser explicado por um crescimento diferente nos dois sexos por um tamanho máximo inferior nas fêmeas ou por maior mortalidade natural nas fêmeas. As maiores frequências relativas de estômagos cheios aparecem nos últimos meses do ano. O número de estômagos cheios (1625) é muito maior que o dos estômagos vazios (255) e os tamanhos grandes estão geralmente com estômagos cheios, o que poderá ser explicado por as albacoras a partir de 2,5 anos = 116cm poderem afundar-se e alimentarem-se muito na zona de termoclina. Tanto os machos como as fêmeas comem mais nos meses mais quentes de onde podemos concluir que não deixam de comer na época da reprodução.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Kim Stobberup pelo valioso contributo à melhoria do presente trabalho. Ao Dr. Jean Pierre Hallier pelas sugestões feitas no início do trabalho.